



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
COMUNICAÇÃO COM HABILITAÇÃO PRODUÇÃO E CULTURA**

**O ARQUÉTIPO DO TRICKSTER COMO SÍMBOLO DOS ATOS
ANTIDEMOCRÁTICOS DO 8J**

Leandro de Oliveira Souza Costa

SALVADOR-BA
2023

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
COMUNICAÇÃO COM HABILITAÇÃO PRODUÇÃO E CULTURA**

**O ARQUÉTIPO DO TRICKSTER COMO SÍMBOLO DOS ATOS
ANTIDEMOCRÁTICOS DO 8J**

Leandro de Oliveira Souza Costa

Monografia do Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção de título de Bacharel em Comunicação com habilitação em Comunicação em Produção e Cultura.

Orientador: Prof. Tarcísio de Sá Cardoso

SALVADOR-BA
2023



facom
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UFBA

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
COLEGIADO DO CURSO DE COMUNICAÇÃO**

Salvador, 04/12/2023 às 19:00

Ata de defesa pública de Trabalho de Conclusão de Curso

Nesta data, o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *O Arquétipo do Trickster como Símbolo das Manifestações Antidemocráticas do 8J: um ensaio semiológico-jungulano*, de autoria de **Leandro de Oliveira Souza Costa**, sob orientação de **Tarcísio de Sá Cardoso**, foi apresentado em sessão pública e avaliado pela comissão examinadora, composta por **Fabio Sadao Nakagawa** e **Juliana Mendonça Lopes**.

Com base em escala de notas de 0,0 (zero) a 10,0 (dez), considerando-se a média exigida para aprovação de 5,0 (cinco), de acordo com o Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso do Colegiado de Graduação da Faculdade de Comunicação e com o Regulamento de Ensino de Graduação e Pós-Graduação da Universidade Federal da Bahia, foram atribuídos ao referido TCC as seguintes notas:

Tabela de avaliação	Nota	Assinaturas
Examinador(a) 1	8,5	Juliana Mendonça Lopes
Examinador(a) 2	8,5	Fabio Sadao Nakagawa
Orientador(a)	8,5	Tarcísio de Sá Cardoso

Média final (valor numérico): 8,5

Média final (por extenso): oito e meio

“Um dia, Exu vinha caminhando por uma trilha entre dois campos. Ele viu, em cada dos um dos campos, um fazendeiro trabalhando e resolveu fazer uma brincadeira com eles. Pegou um chapéu vermelho de um lado, branco de outro, verde na frente e preto atrás; assim, quando os dois fazendeiros amigos voltaram para casa e um deles disse: ‘Você viu o velho que passou hoje com o chapéu branco’? O outro replicou: ‘Ora, mas o chapéu era vermelho’. O primeiro retorquiu: ‘Nada disso, era branco’. ‘Mas era vermelho’, insistiu o amigo, ‘eu o vi com meus próprios olhos’. ‘Bem, você deve estar cego’, declarou o primeiro. ‘Você deve estar bêbado’, afirmou o outro. E assim a discussão continuou e os dois chegaram às vias de fato. Quando começaram a se ferir, foram levados pelos vizinhos para serem julgados. Exu estava entre a multidão na hora do julgamento e, quando o juiz já não sabia o que fazer, o velho trapaceiro se revelou, disse o que fizera e mostrou o chapéu. ‘Eles só podiam mesmo brigar’, disse ele. ‘Eu queria que isso acontecesse. Criar confusão é o que mais gosto”

Leo Frobenius

RESUMO

A presente monografia busca entender os atos antidemocráticos que ocorreram em Brasília em 8 de janeiro de 2023 (8J) a partir da psicologia junguiana e a semiótica peirciana, para compreender como essa figura expressa aspecto do inconsciente coletivo e da cultura brasileira. O trickster, segundo a psicologia junguiana, é um arquétipo que representa o elemento desestabilizador, transgressor e ambíguo, que desafia as normas e os valores estabelecidos, provocando mudanças e transformações. A partir da análise, procuramos entender quais são os significados e as funções que elas desempenham no cenário político e social brasileiro, bem como as reações e os sentimentos que elas despertam nos grupos envolvidos.

Palavras-chave: Arquétipos junguianos; semiótica peirciana; atos anti-democráticos.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: A estrutura da psique de acordo com Jung.....	14
Figura 2: Cena do filme Coringa (2019)	27
Figura 3: Manifestante usando traje inspirado no figurino da série La Casa de Papel - chile 2019. Foto Reuters.....	32
Figura 4: Manifestante com bandeira Mapuche no topo de estátua militar. Foto: Susana Hidalgo	32
Figura 5: Manifestante indígena no Equador. Foto: David Díaz Arcos	33
Figura 6: Manifestantes tomam a marquise do Congresso Nacional em 2013. Foto: Marcello Casal Jr/Agência Brasil	35
Figura 7: Manifestantes radicais contra os resultados das eleições de 2022. Foto: Pedro Ladeira / Folha Press	36
Figura 8: Manifestantes cantando o Hino Nacional para pneu. Reprodução redes sociais.....	37
Figura 9: Eleitores choram pela derrota de Bolsonaro. Foto: Alexandre Cassiano / Agência O Globo	38
Figura 10: Manifestantes pedem "S.O.S" a extraterrestres. Reprodução redes sociais.....	38
Figura 16: Atos do 8J	40
Figura 12: Luciano Hang suspeito de financiar o 8J. Reprodução redes sociais	43
Figura 13: Carlos Bolsonaro. Foto: Sergio Lima/AFP.....	44
Figura 14: Dona Fátima de Tubarão	45
Figura 15: Dona Fátima de Tubarão. Reprodução redes sociais	46

SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES	6
SUMÁRIO	7
1. INTRODUÇÃO	8
2. FUNDAMENTO TEÓRICO.....	13
2.1 JUNG E A PSIQUE	13
2.1.1 Os Arquétipos.....	14
2.1.2 Breve apresentação do Trickster.....	16
2.2 PEIRCE, FENOMENOLOGIA E SEMIÓTICA	17
2.2.1 Fenomenologia.....	18
2.2.2 Semiótica.....	19
2.3 UMA APROXIMAÇÃO ENTRE OS AUTORES	22
3. O TRICKSTER COMO SIGNO	26
3.1 O FUNDAMENTO DO TRICKSTER.....	26
3.2 – A QUE O SIGNO SE REFERE (objeto dinâmico e imediato).....	29
3.3 OS INTERPRETANTES DO TRICKSTER	30
4. O 8J COMO MANIFESTAÇÃO ARQUETÍPICA	31
4.1 O contexto no mundo	31
4.2 O contexto no Brasil	34
4.3 O 8J.....	38
4.3.1 O <i>trickster</i> como símbolo dos atos antidemocráticos.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS.....	52

1. INTRODUÇÃO

A influência da psicologia junguiana tem sido uma constante em minha trajetória pessoal e acadêmica. O projeto de TCC inicialmente proposto tinha como objetivo identificar a presença do arquétipo do trickster na cidade de Salvador, fundamentado no conceito junguiano de arquétipo e na visão de Hillman de que os arquétipos não se limitam a manifestações psíquicas, mas permeiam também outros espaços sociais. A intenção era documentar essas manifestações em um fotolivro, utilizando a fotografia como meio de expressão. Contudo, a pandemia de COVID-19 obrigou a uma reavaliação do projeto, impossibilitando a execução da proposta inicial. Apesar disso, o interesse em rastrear imagens arquetípicas permaneceu.

Durante as aulas de Semiótica, percebi uma possível correlação entre as teorias de Carl Gustav Jung e Charles Sanders Peirce. A semiótica parecia complementar a psicologia analítica. A partir dessa percepção, iniciei uma busca por artigos acadêmicos que pudessem fornecer orientações adicionais neste sentido.

Em paralelo, o cenário político brasileiro caótico começou a sugerir a presença do trickster. Esta presença parecia se fortalecer à medida que a tensão aumentava na polarização entre direita e esquerda, especialmente com a aproximação das eleições de 2022. As suspeitas de tal manifestação arquetípica foram confirmadas quando o resultado eleitoral indicou Luiz Inácio Lula da Silva, então candidato, como vencedor.

No início do ano de 2023, o Brasil viveu uma grave crise institucional provocada por um ato de violência política sem precedentes. Um grupo de manifestantes favoráveis ao ex-presidente Jair Bolsonaro, que não aceitou a derrota nas eleições de 2022, invadiu e vandalizou os prédios do Congresso Nacional, do Supremo Tribunal Federal e do Palácio do Planalto, com o objetivo era impedir a continuidade do mandato do presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva, que havia vencido o pleito acirrado com margem de apenas 1,8% dos votos¹. O ataque, que contou com a participação de militares da reserva e de policiais, foi articulado e incentivado por meio das redes sociais, onde circulavam falsas acusações de fraude eleitoral. A ação dos invasores foi repudiada pela maioria da população e pelas autoridades democráticas,

¹ Disponível em: <https://resultados.tse.jus.br/oficial/app/index.html#/eleicao/resultados>

que reagiram com firmeza para restabelecer a ordem constitucional e garantir a posse de Lula.

Os principais jornais, em diferentes meios, noticiaram este evento a partir da produção de material criado pelos próprios manifestantes em seus perfis de redes sociais como Facebook, Instagram e Twitter. Alguns personagens registrados se tornaram virais e ganharam destaque na imprensa nacional.

Esta monografia tentará responder como o arquétipo do *trickster* tradicionalmente presente em lendas e mitos, pode se manifestar e atualizar-se em contextos contemporâneos. Assim, buscaremos entender os atos antidemocráticos que ocorreram em Brasília em 8 de janeiro de 2023 (8J) a partir da psicologia junguiana e a semiótica peirciana, para compreender como essa figura expressa aspecto do inconsciente coletivo e da cultura brasileira.

Para isso, explicaremos brevemente a estrutura da psique para Jung e seu de arquétipo; a fenomenologia e semiótica peirciana e faremos uma aproximação a partir do artigo *Jung and Peirce: towards a psychosyntesis*, de Giovani Maddalena e analisaremos o *trickster* a partir do vídeo massivamente veiculado na internet de Dona Fátima de Tubarão-SC.

Um arquétipo é uma estrutura inconsciente inata que orienta a imaginação, o pensamento ou o comportamento dos seres humanos em todas as épocas e lugares. Jung considerava que os arquétipos eram inacessíveis à consciência, mas podiam ser inferidos a partir de seus efeitos que se manifestavam em diversas formas de expressão simbólica, a que ele chamava de imagens ou figuras arquetípicas. Assim, cada arquétipo pode gerar inúmeras figuras arquetípicas, de acordo com seu contexto histórico e cultural.

Trickster, como um termo geral, se refere a um tipo de personagem recorrente na mitologia e no folclore de diversas culturas. Segundo o antropólogo Paul Radin (1984), é um ser que desafia as normas e os valores estabelecidos pela sociedade, criando situações de caos, confusão e humor, podendo assumir várias formas, desde animais até deuses, e pode ter boas ou más intenções. É símbolo da ambiguidade, da criatividade e da transformação.

O arquétipo do *trickster* representa aspectos sombrios do nosso inconsciente que são caracterizados por impulsos que levam à subversão da ordem estabelecida,

o caos, a astúcia, a transgressão. (BOECHAT, 2009, p. 65) Podemos citar como exemplos de imagens arquetípicas o bobo da corte, o saci e a curupira e o malandro. Na mitologia iorubá temos Exu. Na mitologia nórdica temos Loki. Hermes e Mercúrio, na mitologia greco-romana (QUEIROZ, 1991). Maui, na mitologia maori. No campo das artes, encontramos personagens emblemáticos que encarnam o *trickster*, como o Coringa do universo da DC Comics; o personagem Macunaíma, do romance de Mário Andrade; no mundo das animações, Pernalonga, Pica-Pau e Jerry (de Tom & Jerry).

Assim como os arquétipos representam aspectos coletivos comuns da psique, eles têm potencial para representar situações coletivas do nosso cotidiano (FREITAS, 2012). Em um dos volumes das Obras Completas, intitulado “Civilização em Mudança: aspectos do drama contemporâneo” (2012), encontramos “Wotan”, texto escrito por Jung em 1936, após a I Guerra Mundial e três anos antes do início da II Guerra Mundial. Neste ensaio, Jung propõe uma explicação para o que estava ocorrendo na Alemanha naquela época a partir da imagem do deus antigo germânico que nomeia o escrito. O ensaio pode ser entendido como uma aplicação da teoria dos arquétipos ao contexto histórico e social da Alemanha nazista. Os arquétipos são formas simbólicas que brotam do inconsciente coletivo e que se expressam nas diversas manifestações culturais, artísticas, religiosas e oníricas. Eles revelam as tendências mais profundas e universais da psique humana. Jung sustentava que os arquétipos podiam afetar o comportamento das massas, especialmente em situações de crise e transformação. Nesse sentido, ele observou o renascimento do deus Wotan na Alemanha nazista como um indício de que uma força arquetípica estava operando sobre o povo alemão, conduzindo-o a um estado de exaltação e fanatismo. Wotan era o deus da guerra, da tempestade, da poesia e do êxtase. Era também um deus ambivalente, que podia ser benéfico ou maléfico, criativo ou destrutivo. Jung compreendeu Wotan como uma expressão do inconsciente coletivo alemão, que estava reprimido pela civilização racional e que procurava uma forma de se libertar. Ele advertiu para os riscos de se entregar a essa força irracional e coletiva, que podia levar a um desastre e sugeriu que a única forma de evitar esse destino era reconhecer e integrar os aspectos sombrios da psique, tanto individual quanto coletivamente. (JUNG, 2012, p. 13-28)

Uma forma de abordar a relação entre Peirce e Jung é examinando as perspectivas do símbolo de cada um em seus respectivos campos de estudo. A semiótica peirciana é uma teoria complexa e geral, fornecendo ferramentas para

analisar diversos fenômenos comunicativos, desde a linguagem verbal até a arte, a ciência e a cultura. A semiótica fornece um caminho para não só compreender a psicologia junguiana como para auxiliar na interpretação e entendimento dos símbolos. Giovanni Maddalena em seu artigo *Jung and Peirce: towards a psychosynthesis?* indica quatro pontos de aproximação entre eles. No terceiro ponto, Maddalena expõe a importância do nível simbólico em ambos os autores destacando que o segundo seria de grande importância para o primeiro devido ao potencial que a semiótica tem para colaborar com a prática junguiana que se utiliza de mitos, sonhos e do arquétipo. (MADDALENA, 2017)

Peirce é considerado o fundador da semiótica moderna, a ciência dos signos, enquanto Jung é o criador da psicologia analítica, uma abordagem que enfatiza o papel dos símbolos na psique humana. Ambos reconhecem que os símbolos são formas complexas e dinâmicas de comunicação e expressão, que envolvem não apenas aspectos lógicos e racionais, mas também intuitivos e emocionais. (ibid., p. 8)

A semiótica peirciana entende que os signos possuem natureza triádica, de acordo com a fenomenologia de Peirce, onde os fenômenos são categorizados em primeiridade, secundidade e terceiridade. Ele nomeou os três elementos como (1) *representamen*, (2) o objeto do signo e (3) o interpretante. Um signo é “aquilo que representa o objeto e cria um interpretante” (NÖTH e SANTAELLA, 2017, p. 40). A semiótica peirciana também distingue três tipos de signos em relação ao seu objeto: ícones, índices e símbolos. Sendo os ícones aqueles signos que se assemelham aos objetos que representam, os índices, aqueles que têm uma conexão causal ou física com os objetos que representam. Em Peirce, os símbolos são definidos como um tipo de signo que representa seu objeto por meio regras ou convenções sociais, que depende de um hábito ou lei geral (ibidem, p. 55). Os símbolos são signos de terceira categoria, que implicam uma relação triádica entre o signo, seu objeto e seu interpretante. Os símbolos são signos gerais ilimitados e indeterminados, que podem gerar infinitas cadeias de interpretação e associação, permitindo o desenvolvimento do pensamento, da linguagem e da cultura.

Jung concebe um símbolo como uma imagem ou representação que expressa algo desconhecido ou inconsciente. Os símbolos são manifestações do inconsciente coletivo, a camada mais profunda e arcaica da psique humana, que contém as formas primordiais ou arquétipos. (JUNG, 1964, p. 22) Os arquétipos são padrões ou modelos

universais de experiência e comportamento, que influenciam nossa percepção e compreensão da realidade. São potenciais de representação que se atualizam em diferentes formas simbólicas ao longo da história e das culturas. Os símbolos são formas ambíguas e multifacetadas, que podem ter vários significados e níveis de interpretação. Eles também são formas vivas e transformadoras, que podem provocar mudanças na consciência e na personalidade do indivíduo. (JUNG, 2014)

Ao observar os fenômenos sociais a partir desta perspectiva, podemos perceber como esses elementos influenciam as dinâmicas, as identidades e as relações de uma sociedade. Um profissional de comunicação e cultura pode se beneficiar deste olhar para compreender melhor o seu público, criar narrativas mais envolventes e promover a diversidade e o diálogo.

Neste trabalho, pretendemos aproximar a psicologia junguiana da semiótica peirciana para fazer a análise semio-psicológica do vídeo de Dona Fátima como um existente do arquétipo do *trickster*, símbolo das manifestações ocorridas em Brasília em 8 de janeiro de 2023.

2. FUNDAMENTO TEÓRICO

2.1 JUNG E A PSIQUE

Considerado o pai da Psicologia Analítica, também chamada de Psicologia Arquetípica, Carl Gustav Jung foi também psiquiatra e psicoterapeuta suíço. Muito prolífico em sua área, desenvolveu conceitos como os de personalidade extrovertida e introvertida, arquétipos e sincronicidade. Seus estudos concentraram em fenômenos psíquicos, sonhos, símbolos e inconsciente coletivo. Também foi um grande estudioso das religiões, mitologias e artes.

Para compreender como os arquétipos funcionam, é preciso entender como o aparelho psíquico opera. Segundo a teoria de Carl Jung, o psiquismo humano é composto por três instâncias: o ego, o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo. O ego é a parte consciente da personalidade, que se relaciona com o mundo externo e regula as funções vitais. O inconsciente pessoal é a parte inconsciente da personalidade, que contém as memórias, os sentimentos, os impulsos e os complexos que foram reprimidos ou esquecidos pelo ego. O inconsciente coletivo é a camada mais profunda do psiquismo, que contém os arquétipos e os símbolos que são compartilhados por toda a humanidade.

Segundo Jung (2014), o aparelho psíquico é uma estrutura construída por sistemas diferenciados, que atuam entre si, e que é composta por: Ego, que atua como o centro da Consciência; o Inconsciente Pessoal, onde se encontra o material reprimido e os Complexos; e Inconsciente Coletivo, onde se encontram os Arquétipos, a *Anima* e o *Animus* e a Sombra e o Self, que atua como centro do Inconsciente e totalidade da Personalidade. (JUNG, 2014)

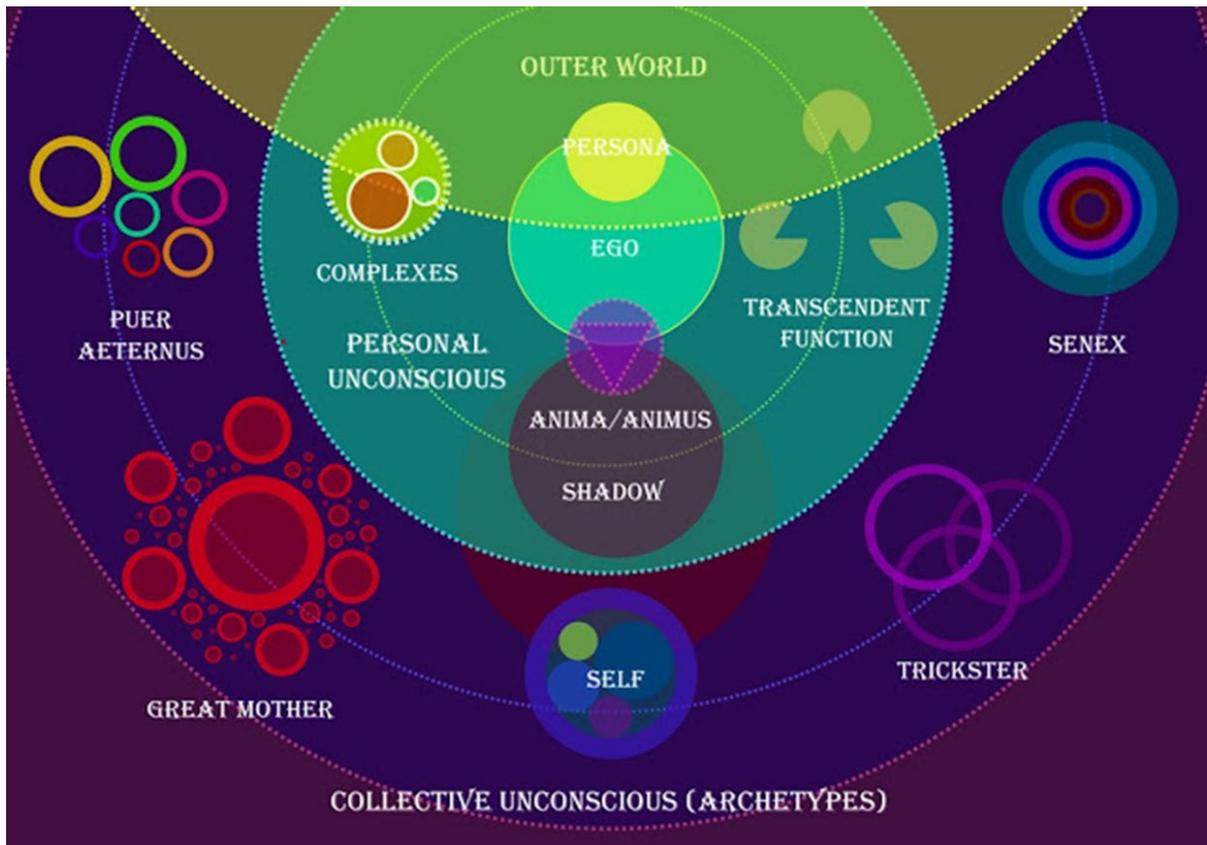


Figura 1: a estrutura da psique de acordo com Jung²

2.1.1 Os Arquétipos

O arquétipo é resumido por Murray Stein como “um padrão potencial inato de imaginação, pensamento ou comportamento que pode ser encontrado entre seres humanos em todos os tempos e lugares” (STEIN, 2007). No entanto, Jung nos diz que o arquétipo em si não pode ser conhecido pois é irrepresentável e “só podem ser apreendidos de maneira aproximativa” (JUNG, 2000), através de figuras arquetípicas. Alguns exemplos de figuras – ou “representações” – arquetípicas, são: herói/heroína, velho/a sábio/a, tolo/a, mago, bruxa, rei/rainha etc.

Um arquétipo é um padrão potencial inato de imaginação, pensamento ou comportamento que pode ser encontrado entre seres humanos em todos os tempos e lugares podendo, cada um, dar origem a infinitas figuras arquetípicas.

Em um texto sobre a relação da Psicologia Analítica com a Psicologia Social (FREITAS, 2012), a autora afirma que, no desenvolvimento psicológico, a tensão de

² Disponível em: <https://philosophymaps.files.wordpress.com/2015/03/model1.png>

opostos é de extrema necessidade. Para discorrer sobre o tema, ela invoca quatro figuras: a do *senex*, a do *puer*, a do *trickster* e a do discípulo. A figura do *trickster* se manifesta quando é necessário subverter a ordem para que se construa teorias inéditas, para rever as teorias estabelecidas, identificando novas conexões e possibilidades. Algumas das manifestações divinas do *trickster* são Exu, Hermes e Loki. Assim como os arquétipos representam aspectos coletivos comuns da psique, eles têm potencial para representar situações coletivas.

A definição tradicional de arquétipo, diz que é “a parte herdada da psique; padrões de estruturação do desempenho psicológico ligados ao instinto; uma entidade hipotética irrepresentável em si mesma e evidente somente através de suas manifestações” (SAMUELS, 2003). Stein (2007) resume como “um padrão potencial inato de imaginação, pensamento ou comportamento que pode ser *encontrado entre seres humanos em todos os tempos e lugares*”. (grifo nosso) Sinônimo de “ideia” – no sentido platônico; imagem primordial determinada apenas pela forma, não pelo conteúdo (BOECHAT, 2009). Os arquétipos carregam em sua forma e em seu significado “motivos mitológicos” que podem ser vistos claramente nos contos de fada, mitos, lendas e no folclore (JUNG, 1996, p. 34). Quando são percebidos pelo consciente e evidenciados de algum modo – como um mito ou conto de fadas, por exemplo –, tornam-se figuras (ou representações) arquetípicas. Mas, Jung ressalta que

seja o que for que dissermos a respeito da natureza dos arquétipos, eles não passarão de visualizações e concretizações que pertencem ao domínio da consciência. Mas não temos outra maneira de falar sobre os arquétipos senão esta. É preciso dar-nos sempre conta de que aquilo que entendemos por “arquétipos” é, em si, irrepresentável, mas produz efeitos que tornam possíveis certas visualizações, isto é, as representações arquetípicas”. (JUNG, 2000, p. 77)

Em seu comentário psicológico para O Livro Tibetano dos Mortos Jung (2020) sugere uma distinção entre categorias lógicas e o que ele chama de categorias da imaginação, sendo os arquétipos pertencente à última:

Há as disposições universais da mente, que devem ser entendidas como as formas (eidola) de Platão, de acordo com as quais a mente organiza seus conteúdos. Poderia-se igualmente descrever essas formas como categorias análogas às categorias lógicas, presentes sempre, e onde quer que seja, como postulados básicos da razão. Acontece apenas, no

caso das nossas “formas”, que não estamos tratando com categorias da razão, mas com categorias da imaginação. (JUNG, 2020, p. 53)

Faz-se importante, neste momento, fazer uma explicação sobre o conceito junguiano de Sombra porque, como veremos adiante, Jung relaciona a figura arquetípica do *trickster* com a sombra, tanto pessoal quanto coletiva.

A Sombra é parte do inconsciente pessoal e correspondente ao conceito freudiano de inconsciente. Ela “personifica tudo o que o sujeito não reconhece em si e sempre importuna, direta ou indiretamente, como traços inferiores de caráter e outras tendências incompatíveis.” (JUNG, 2000, p. 227) Podemos encontrar na nossa sombra não só o nosso lado obscuro, mas, também, aspectos positivos que não temos consciência (BOECHAT, 2009, p. 204). Jung (2014) nos chama a atenção para o fato de que ela faz parte de nossa personalidade como um componente vital e exige ser devidamente integrada à consciência, sendo ineficaz a tentativa de neutralizá-la por argumentos ou através de racionalização. A repressão ou omissão não são estratégias assertivas, pois apenas fortalecem a sua atuação sendo a aceitação a melhor forma de lidar com problemas insolúveis e, ao menos, oferecerá o benefício de promover uma honestidade e autenticidade genuínas. (JUNG, 2014, p. 29)

Assim como cada um de nós possui a sua sombra, no âmbito do inconsciente pessoal, também temos a sombra que está no âmbito do inconsciente coletivo. O arquétipo do *trickster* está relacionado com a sombra coletiva. Veremos a seguir um pouco de suas características.

2.1.2 Breve apresentação do Trickster

Os primeiros registros sobre o *trickster* vêm do encontro com o povo norte-americano winnebago (BOECHAT, 2009, p. 65). Os estudos sobre esta figura arquetípica iniciaram com o antropólogo e folclorista Paul Radin, que escreveu o livro *The Trickster: A Study in Native American Mythology*, publicado em 1956.

Renato Queiroz (1991), então professor do Departamento de Antropologia da USP, em seu artigo *O Herói Trapaceiro: reflexões sobre a figura do Trickster* faz um levantamento rico sobre as definições conceituais de vários antropólogos, assim como a origem etimológica do termo, segundo Georges Balandier (1982). Este último afirma

que o termo vem da palavra francesa – *triche* – que significa trapaça, furto, falcatrua, engano. (BALANDIER, 1982, apud QUEIROZ, 1991, p. 94). Inicialmente, o termo *trickster* foi utilizado para denominar alguns personagens míticos trapaceiros de índios norte-americanos, como os Winnebago. No entanto, hoje em dia, pode se referir a qualquer personagem metamorfo, pregador de peças, ardiloso, cômico (ibid., p. 94).

Em seu artigo publicado no livro *Psicologia Social e Imaginário*, Laura Villares de Freitas (2012), cujo intuito principal é trazer luz ao papel do imaginário nos fenômenos psicossociais, diz que o *trickster*,

por sua vez, valoriza o aspecto inovador, ao procurar sempre atualizar ou construir teorias inéditas, inspirando-se na figura de *Hermes*, o deus grego com a característica de ser mensageiro e intercomunicador. Tal posição nos coloca alinhados à interdisciplinaridade, buscando, a partir dela, sempre rever e reformular os conhecimentos já estabelecidos, identificando novas conexões, numa grande mobilidade entre teorias e ideias. Corre o risco de desprezar rápida e levemente demais o já estabelecido e insere-se na dimensão que toma a cultura como algo que deve ser cultivado. (FREITAS, 2012, p. 105)

Faremos uma discussão mais aprofundada posteriormente sobre este arquétipo. Tendo estabelecido uma referência, iremos explorar a seguir alguns conceitos fundamentais da semiótica peirciana.

2.2 PEIRCE, FENOMENOLOGIA E SEMIÓTICA

Charles Sanders Peirce, filósofo e cientista norte-americano, é amplamente reconhecido como um dos fundadores da semiótica e um pioneiro no campo da lógica moderna. Com uma educação rigorosa e precoce, Peirce graduou-se com honras máximas em química na Universidade de Harvard e dedicou-se ao estudo da lógica como uma ciência autônoma e abrangente. Apesar de enfrentar inúmeras dificuldades profissionais e pessoais ao longo de sua vida, Peirce continuou a produzir e buscar a verdade. Embora sua obra ainda seja pouco conhecida e estudada, ele deixou um legado imenso e complexo que continua a desafiar e inspirar as gerações atuais e futuras. (SANTAELLA L., 2020, pp. 83-85)

A semiótica de Peirce, que faz parte das Ciências Normativas, juntamente com a Estética e a Ética, se insere em um sistema filosófico complexo e totalmente articulado com a sua fenomenologia. Para compreendermos a sua semiótica, é essencial entendermos essa "quase-ciência". A seguir, apresentamos um resumo breve dessa teoria.

2.2.1 Fenomenologia

Uma das questões mais antigas e desafiadoras da filosofia é a classificação e organização da diversidade de fenômenos que se manifestam ao nosso entendimento e experiência. Desde Aristóteles, filósofos têm tentado elaborar sistemas de categorias que possam abranger e explicar todos os modos de ser e existir. Aristóteles propôs dez categorias. Kant apresentou doze. No entanto, as tentativas de categorização foram consideradas insatisfatórias ou incompletas por alguns pensadores. Peirce propôs uma fenomenologia com apenas três categorias universais, que veremos a seguir, a saber: primeiridade, secundidade e terceiridade. (NÖTH e SANTAELLA, 2017, p. 37)

A primeiridade é um fenômeno onde:

As qualidades misturam-se umas às outras. Elas não têm identidades perfeitas, mas apenas semelhanças, ou identidades parciais. (...) Se a experiência que fazemos dela não fosse tão fragmentada, talvez não houvesse demarcações abruptas entre elas. De todo modo, cada uma é aquilo que é em si mesma, sem a ajuda de outras. São determinações singulares, embora parciais. (SANTAELLA, 2020, p. 36-37)

Sobre a secundidade, Peirce diz que:

As qualidades, por serem gerais, são, de algum modo, vagas e potenciais. Mas uma ocorrência é perfeitamente individual. Acontece aqui e agora. Um fato permanente é menos puramente individual; entretanto, na medida em que é atual, sua permanência e generalidade consistem somente no fato de ele existir a cada instante individual. As qualidades têm a ver com fatos, mas não compõem os fatos em si. (SANTAELLA L., 2020, p. 37)

Segundo Nöth e Santaella, a terceiridade é “a categoria da semiose e dos signos, da representação, da comunicação, das leis, das regras, da necessidade, do hábito e

da síntese”. (NÖTH e SANTAELLA, 2017, p. 38) Esta categoria ainda estabelece que as relações semióticas são triádicas. Santaella resume esta relação da seguinte maneira:

A forma mais simples da terceiridade, segundo Peirce, manifesta-se no signo, visto que o signo é um primeiro (algo que se apresenta à mente), ligando um segundo (aquilo que o signo indica, se refere ou representa) a um terceiro (o efeito que o signo irá provocar em um possível intérprete). (SANTAELLA, 2018, p. 7)

Sendo que “aquilo que o signo representa” é chamado de **objeto** e o “efeito que o signo provoca em um possível intérprete” é chamado de **interpretante**. Veremos, a seguir, cada um destes três elementos.

2.2.2 Semiótica

De acordo com o Dicionário Michaelis, o signo é “denominação comum a qualquer objeto, forma ou fenômeno que representa uma realidade distinta de si mesmo” (MICHAELIS, 2015). Ao contrário da linha saussuriana da semiótica, que defende que o signo tem uma relação dicotômica entre o significante e o significado, Peirce afirma que existe uma relação triádica, como vimos anteriormente, entre o signo, o objeto e o interpretante. Da definição de signo elaborada por Peirce, Santaella (2005) extrai 11 pontos que nos ajudam a compreender como se dá esta relação:

(1) o signo é determinado pelo objeto, isto é, o objeto causa o signo, mas (2) o signo representa o objeto, por isso mesmo é signo; (3) o signo representa algo, mas é determinado por aquilo que ele representa; (4) o signo só pode representar o objeto parcialmente e (5) pode, até mesmo, representá-lo falsamente; (6) representar o objeto significa que o signo está apto a afetar uma mente, isto é, nela produzir algum tipo de efeito; (7) esse efeito produzido é chamado de interpretante do signo; (8) o interpretante é imediatamente determinado pelo signo e mediadamente determinado pelo objeto, isto é, (9) o objeto também causa o interpretante, mas através da mediação do signo; (10) o signo é uma mediação entre o objeto (aquilo que representa) e o interpretante (o efeito que ele produz), assim como (11) o interpretante é uma mediação entre o signo e um outro signo futuro. (SANTAELLA, 2005, p. 43)

2.2.2.1 Signo e seu Fundamento

De acordo com Nöth e Santaella (2017, p. 40), o signo é um elemento que permite à mente do intérprete conhecer algo que está além dele, o seu objeto. Para compreender como o signo funciona, é necessário considerar que, mesmo sendo influenciado pelo objeto, o signo em si, ou *representamen*, é sempre o primeiro na cadeia da semiose.

O fundamento do signo o habilita a funcionar como tal, determina a forma como o signo representa o seu objeto e como ele provoca uma interpretação no seu interpretante.

Pode ser classificado em três categorias: (1) **qualissigno**, que é um signo baseado em uma qualidade, como uma cor ou um som; (2) **sinsigno**, que é um signo baseado em um fato ou evento, como uma pegada ou uma foto; e (3) **legissigno**, que é um signo baseado em uma regra ou convenção, como uma palavra ou um símbolo. (SANTAELLA, 2005, p. 43)

2.2.2.2 Os Objetos do Signo

De acordo com Santaella “o objeto é algo diferente do signo, algo que está fora do signo, um ausente que se torna mediatamente presente a um possível intérprete graças à mediação do signo”. (ibid.)

O objeto nos indica a que o signo se refere e é dividido em Objeto Dinâmico e Objeto Imediato. O objeto imediato está dentro do signo e é exatamente como o signo se apresenta. Santaella e Nöth afirmam que

Para que se possa compreender essa bipartição dos objetos e sua validade, temos que levar em consideração que o signo não teria nenhum poder de representar ou indicar o objeto fora dele, se, dentro do próprio signo, não existisse alguma forma, algum traço de correspondência com o objeto que ele intenta representar ou indicar (NÖTH e SANTAELLA, 2017, p. 43).

O objeto dinâmico, por sua vez, é externo ao signo e não pode ser representado em sua totalidade. De acordo com Santaella, “todo o contexto dinâmico particular, a realidade que circunda o signo se constitui em seu objeto dinâmico” (SANTAELLA L., 2005, p. 45)

Quanto sua classificação, pode ser: (1) **ícone**, cuja forma de representar seu objeto é através da semelhança; (2) **índice**, cuja forma de representar parte de uma conexão existencial com seu objeto; e (3) **símbolo**, que significa seu objeto porque é interpretado como representação dele seja por hábito, convenção, regra, lei etc.

2.2.2.3 Os Interpretantes do Signo

O interpretante do signo “é o efeito interpretativo que o signo produz em uma mente real ou meramente potencial” (SANTAELLA, 2018, p. 23). Seguindo a lógica peirciana, o interpretante possui três interpretantes que são: (1) o interpretante imediato, aquilo que o signo está apto a produzir como efeito; (2) o interpretante dinâmico, aquilo que o signo efetivamente produz na mente de seus intérpretes; e (3) o interpretante final, que seria o resultado final, mas não no sentido estrito de fim e sim de resultado onde todo intérprete deveria chegar caso fosse possível esgotar os interpretantes dinâmicos. (SANTAELLA, 2005, p. 49)

O interpretante dinâmico, que se refere ao efeito que o signo causa em um intérprete, subdivide-se em outros 3 níveis, a saber: (1) interpretante emocional, referindo-se aos ícones; (2) energético, referindo-se aos índices; e (3) lógico, referindo-se aos símbolos (SANTAELLA, 2018, p. 24-25). Sobre no interpretante lógico, Santaella diz que

O terceiro efeito de significado de um signo é o interpretante lógico, quando o signo é interpretado através de uma regra interpretativa internalizada pelo intérprete. Sem essas regras interpretativas, os símbolos não poderiam significar, pois o símbolo está associado ao objeto que representa através de um hábito associativo que se processa na mente do intérprete e que leva o signo a significar o que ele significa. Em outras palavras, o símbolo está conectado a seu objeto em virtude de uma ideia da mente que usa o símbolo, sem o que uma tal conexão não existiria. Portanto, é no interpretante que se realiza, por meio de uma regra associativa, uma associação de ideias na mente do intérprete, associação esta que estabelece a conexão entre o signo e seu objeto. Daí Peirce ter repetido muitas vezes que o símbolo se constitui com tal apenas através do interpretante. (ibidem)

Por fim, e para completar a tabela das três tricotomias de Peirce, a relação entre o signo e seu interpretante pode ser: (1) **rema**, que é um signo de possibilidade

qualitativa; (2) **dicente** ou **dicissigno**, que é um signo de existência real, factual; e (3) **argumento**, signo de discurso racional (NÖTH e SANTAELLA, 2017, p. 58-60).

As três categorias da fenomenologia de Peirce associadas às três tricotomias podem ser diagramadas na tabela abaixo:

	O signo considerado em si mesmo	O signo considerado relativamente ao seu objeto	O signo considerado relativamente ao seu interpretante
Primeiridade: qualidade de sentimento; possibilidade; referência a um fundamento.	Qualissigno: um signo que é uma qualidade de sentimento, uma mera possibilidade: uma cor, um odor etc.	Ícone: uma forma que pode representar seu objeto por semelhança formal ou por partilhar com ele alguma qualidade.	Rema: Signo de possibilidade qualitativa. Forma de representação simples, que não indica nem o objeto, nem interpretante.
Secundidade: reação, resistência; fato bruto; referência a um correlato.	Sinsigno: um signo que é um existente: uma ação, um objeto ou fato individual etc.	Índice: um signo que representa seu objeto por <i>conexão de fato</i> com ele, como uma conexão física independente de interpretação.	Dicissigno: É um signo que <i>indica</i> uma existência específica para seu interpretante. Essa indicação não é verdadeira nem falsa, mas pode ser uma das duas coisas.
Terceiridade: Representação, mediação; hábito, lei; referência a um interpretante.	Legissigno: um signo que é da natureza de uma ideia geral: uma lei, um hábito ou convenção social, uma regra de manual etc.	Símbolo: um signo que significa seu objeto porque é interpretado como representação dele.	Argumento: é um signo que <i>representa</i> seu objeto como um signo, como algo que manifesta alguma tendência, algo dotado de intencionalidade ou disposição para ser de certa maneira.

2.3 UMA APROXIMAÇÃO ENTRE OS AUTORES

Giovanni Maddalena, em seu artigo *Jung and Peirce: towards a psychosynthesis* (2017), compara as visões de Carl Jung e Charles Peirce sobre psicologia, pragmatismo, realismo, simbolismo e síntese. O autor argumenta que há paralelos e

complementaridades entre os dois pensadores, especialmente em relação ao papel do inconsciente, dos símbolos e dos gestos sintéticos na formação da personalidade e do conhecimento e indica um caminho para como a semiótica peirciana pode colaborar com a psicologia junguiana.

Em primeiro lugar, o autor delinea a atitude de Peirce em relação à psicologia, mostrando a evolução, desde uma inclusão inicial dentro da lógica até uma exclusão posterior como uma ciência empírica. No entanto, Peirce nunca perde a importância dos elementos psicológicos como sentimento, sensação e hábito de ação, que ele classifica como fenomenológicos¹. Peirce também reconhece a existência de um nível inconsciente e coletivo da semiose, que ele tenta capturar por meio de sua lógica icônica dos grafos existenciais. (ibidem, p. 2-5)

Em seguida, o autor explica a visão de Jung sobre o inconsciente coletivo, que é uma realidade *in potentia* cheia de arquétipos, ou *formas potenciais de representação*, que abrange toda a história da humanidade. A vida do inconsciente coletivo é caótica e potencial, seus símbolos são um fluxo imenso que se desenvolve ao longo da história. A formação da personalidade tem a tarefa de dar ordem e sentido a essa imensa realidade simbólica, ou pelo menos mantê-la coesa. Jung vê a individuação como o processo pelo qual uma pessoa se torna um self completo, equilibrando as partes conscientes e inconscientes de sua personalidade. Jung também distingue entre os tipos psicológicos de extrovertido e introvertido, que ele relaciona com os tipos filosóficos de James. Assim como Peirce propôs os grafos como uma ferramenta para analisar a síntese lógica, Jung desenvolveu o método de desenhar e estudar as mandalas, representações simbólicas originárias do budismo, para analisar a síntese do self em andamento. O desenho das mandalas permite ao indivíduo observar o processo de formação do seu eu, durante o desafio de alcançar a individuação, que implica em transcender a consciência egocêntrica e o caos do inconsciente coletivo. (MADDALENA, 2017, p. 7)

Por fim, Maddalena faz a “primeira comparação aproximada e sua utilidade”, onde destaca quatro pontos de comparação entre Jung e Peirce: realismo, falibilismo, simbolismo e gestos sintéticos.

Quanto ao realismo, o autor diz que, para os dois autores, não há dualismos entre o espiritual e o corpóreo e que sonhos, sentimentos e hábitos são elementos da

realidade assim como são a ciência, a alquimia, a poesia, os experimentos, as personagens. Desta forma, diferentemente de Freud, Jung considerava símbolos, emoções religiosas e crenças como elementos integrantes da experiência humana. Apesar dos pragmáticos geralmente se concentrarem na parte consciente da experiência, o próprio Peirce admite a existência de um nível inconsciente, atribuindo a ele a mesma semiose que ocorre em um nível consciente. Peirce reconhece uma quase-mente e um processo de raciocínio que ocorre abaixo do limiar da consciência. (ibidem)

Quanto à falibilidade, Maddalena observa que Peirce atribui muitas funções ao processo semiótico, minimizando o papel do ego. Este acredita que nosso conhecimento é falível devido à nossa capacidade limitada de conhecer a realidade e desenvolver semiótica. Embora Jung tenha uma abordagem mais individualista, faz uma distinção entre o ego, o centro da personalidade consciente, e o self, que engloba tanto o consciente quanto o inconsciente. Isso aproxima Jung de Peirce. Tanto para Jung quanto para Peirce, a individualidade é uma ordem a ser alcançada dentro de um fluxo mais amplo de experiência, e o eu é um ponto de passagem e às vezes de transformação de uma história mais ampla de uma mente coletiva. (ibid.)

No terceiro ponto, sobre os símbolos e os arquétipos, o autor observa a importância do nível simbólico tanto para Peirce quanto para Jung. Ademais, a pesquisa de Peirce sobre símbolos, que representam seu objeto por regra interpretativa, pode elucidar muitas ferramentas práticas e teóricas usadas por Jung, como mitos, sonhos e arquétipos. Como já vimos, os arquétipos são formas potenciais de representação, sendo o próprio arquétipo uma possibilidade de representação dada a priori. As representações não são herdadas, apenas as formas, assemelhando-se ao fundamento fenomenológico dos signos. Jung reconhece o desenvolvimento temporal de símbolos inconscientes, influenciados pela história e pela teleologia. (ibid., p. 8)

Por fim, Maddalena observa que encontramos em ambos os autores a necessidade de síntese diferente e de gestos sintéticos. Peirce e Jung buscam uma forma de sintetizar o realismo metafísico e o simbolismo em uma experiência individual. Eles usam ferramentas sintéticas, como grafos existenciais e mandalas, para representar a unidade de universalidade e individualidade. Essas ferramentas

são gestos completos que envolvem uma transformação lógica ou psicológica de um elemento em outro. Elas permitem o conhecimento de algo novo, não conceitual, que reconhece uma identidade por meio de mudanças. (ibid.)

O autor também sugere que os grafos existenciais de Peirce e as mandalas de Jung podem ser vistos como gestos completos, ou seja, ações que implicam uma síntese de modalidades lógicas e carregam um significado. Os gestos completos, segundo ele, “apontam para uma psicossíntese em que nos descobrimos enquanto fazemos algo” (ibid., p. 9).

O artigo conclui que, em geral, a descrição de Peirce sobre a semiose e os tipos de signos pode ajudar a esclarecer a representação simbólica de nosso inconsciente, fortalecendo a interpretação dos símbolos de Jung. Desta maneira, a semiótica peirciana “pode fornecer uma melhor compreensão do simbolismo e da leitura fenomenológica/semiótica/psicológica da busca teleológica pela unidade ou individualidade.” (ibid.)

Agora que já vimos o conceito de arquétipo de Jung, a apresentação da figura arquetípica, que passamos pelas três categorias e pelas três tricotomias peircianas e fizemos uma pequena aproximação entre os dois autores, iremos fazer a junção dos dois universos no esboço do percurso que será aplicado na análise do 8J a partir da figura do *trickster*.

3. O TRICKSTER COMO SIGNO

Para analisar semioticamente o trickster iremos utilizar algumas dicas de aplicação descritas por Lúcia Santaella em seu livro *Semiótica Aplicada* (2018). Para isso, iremos seguir a lógica interna do signo: o 1 para analisar o fundamento do signo antes do 2, que se refere ao objeto; seguindo para o 2.1, referindo-se ao objeto imediato; 2.2, ao objeto dinâmico; 3, referindo-se ao interpretante; seguindo para o 3.1, interpretante imediato; 3.2, interpretante dinâmico; e, por fim, 3.3, o interpretante final.

Antes de aplicarmos a classificação acima, precisamos imaginar o lugar do *trickster* dentro da tríade peirciana. Para investigarmos a materialização do objeto trickster no Brasil contemporâneo, este trabalho selecionou como corpus a personagem que participou dos atos antidemocráticos de 8 de janeiro: a manifestante que ficou conhecida como Fátima de Tubarão. Assim, um *trickster* como signo, de maneira geral, fará alguma referência ao arquétipo (seu objeto). Ele também é um legissigno porque é um signo que representa uma classe. Assim como também é um sinsigno, ao consideramos Dona Fátima como uma representação que é uma réplica, do geral e que possui características únicas no tempo e no espaço, com potencial para gerar novos interpretantes.

3.1 O FUNDAMENTO DO TRICKSTER

Segundo Santaella (2018, p. 33) o fundamento do signo é uma característica inerente que permite que as coisas funcionem como signos. Neste primeiro nível, os signos ainda estão situados no campo da fenomenologia. A transição para a semiótica ocorre quando “passamos a buscar nos fenômenos as três propriedades que os habilitam a agir como signos: as qualidades, sua existência e seu aspecto de lei”. (ibid.)

Quando afirmamos que o trickster representa alguém ou alguma coisa, estamos afirmando que ele é um signo. Só podemos entender o que ele significa porque temos uma informação que o classifica como tal. Neste sentido, o fundamento do trickster é, predominantemente, um legissigno porque uma figura arquetípica só

pode ser entendida como tal a partir do conceito de arquétipo, que foi criado a partir da pesquisa de vários estudiosos, que relacionaram manifestações de figuras arquetípicas similares pelo mundo e agruparam no conceito do arquétipo do *trickster*.

Cada figura arquetípica que existe em sua singularidade no mundo e ao longo do tempo tem aspectos que a qualifica para fazer parte desta classe denominada arquétipo do *trickster*. Os legissignos “existem através de suas réplicas, casos especiais de sinsignos, ocorrências no tempo e no espaço”. (SANTAELLA, 2018, p. 186) As publicações dos estudos elaborados por Paul Radin trazem à luz o arquétipo do *trickster* e consolidam as figuras arquetípicas em nossa consciência coletiva. Uma vez que estabelecemos um conceito básico do que um *trickster* pode ser, é possível identificar sua presença em mitos, lendas e fábulas mais antigos e em todos os lugares. Na antiguidade, podemos observar a existência dos sátiros, criaturas da floresta e seguidores do deus Dionísio, que são metade animal, metade humano, e são conhecidos por seu apetite sexual exagerado. Na Idade Média, encontramos pelo menos três figuras que incorporam características *trickster*ianas nos arcanos maiores do tarô: o Louco (ou o andarilho), o Mago e o Diabo.



Figura 2: Cena do filme Coringa (2019)

Atualmente, a figura do *trickster* está presente em várias produções cinematográficas. A DC Comics lançou o filme *Joker* (Coringa, em português) no segundo semestre de 2019, que narra a trajetória de Arthur Fleck, um comediante malsucedido com uma condição mental que provoca riso involuntário. Ambientado em uma sociedade violenta e em declínio, Arthur é frequentemente humilhado e agredido. Sua vida toma um rumo drástico quando ele comete assassinato de três homens no metrô. Seu ato incita protestos contra a elite, que têm o palhaço como símbolo. A descoberta de mentiras sobre seu passado e a rejeição por parte de seu ídolo, o apresentador de TV Murray Franklin, e de seu suposto pai, Thomas Wayne, levam Arthur a um estado de desespero. Ele mata sua mãe adotiva e, em uma aparição no programa de Franklin, confessa seus crimes e assassina Franklin ao vivo. Embora preso, Arthur é resgatado por manifestantes e idolatrado como herói, dançando para a multidão enquanto a cidade mergulha no caos. O filme retrata de maneira angustiante o processo de inversão (*enantiodromia*)³ de Arthur Fleck em Coringa – que tanto é a sua própria sombra quanto a de Gotham City.

Temos muitos *tricksters* nas lendas e mitos brasileiros. O saci causador de confusão, a curupira que prega peças para as pessoas se perderem na mata, os malandros que domina a arte de enganar as pessoas para beneficiar a si.

Como vimos, os *legissignos* precisam dos *sinsignos* para tomar forma. Da mesma maneira, os *sinsignos* só podem existir através de suas qualidades (SANTAELLA, 2018, p. 188). Como o mais primitivo dos heróis, o *trickster* é governado por seus instintos, muitas vezes inconsciente dos danos que seu apetite insaciável pode causar a si mesmo.

Walter Boechat destaca sua falta de limite e lei, seguindo apenas o próprio desejo, representando “a antítese de valores culturais estabelecidos”. (BOECHAT, 2009, p. 65) Ele é a personificação do “arquétipo da inversão, trazendo à tona tudo o que é recalcado culturalmente” (*ibid*, p. 65). Desta maneira, assume a função terapêutica de “conectar a cultura com seus núcleos instintivos mais profundos, impedindo assim que ela se torne desenraizada” (*ibid*, p. 65).

³ *Enantiodromia*: “a conversão radical da personalidade ao tipo de caráter seu oposto. Ele adota a sombra e, com efeito, durante algum tempo, passa a estar identificado com suas energias e qualidades”. (STEIN, 2007, p. 101)

Uma pessoa que incorpora o *trickster* de alguma maneira viverá um momento da vida marcado pela “malícia, pelo desafio à autoridade e por uma série de infrações às normas e aos costumes” (QUEIROZ, 1991, p. 96) (ibid., p.96), “perambulando pelos espaços sociais” (ibid., p. 97), “presente sempre que haja distúrbios ou confusões e nas ocasiões de mudança e transição” (WESCOTT, 1962, apud QUEIROZ, p. 98), colocando em jogo “o inesperado, o indefinido, desrespeitando a própria ordem social” (ibid., p. 98). Em suas transgressões, traz a possibilidade de uma nova percepção da realidade, forçando os padrões que já não funcionam sejam avaliados e superados.

Jung, no capítulo *A Psicologia da Figura do Trickster*, do livro *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo* (2014), cita como “motivos ‘tricksterianos’ típicos” a inversão da ordem hierárquica, tendência a travessuras astutas, mutabilidade, natureza dupla (animal e divina), vulnerabilidade a todo tipo de tortura e proximidade da figura de um salvador.

Em *As Máscaras de Deus*, em um capítulo sobre o xamanismo, Campbell (2010) discorre sobre a importância desta figura para o mundo lendário paleolítico, podendo ter sido seu principal personagem mitológico, e a define como “um insensato, um trapaceiro cruel e devasso, um epítome do princípio da desordem que é, entretanto, também o portador da cultura” (ibid. p. 225) E, em seguida, afirma que “na esfera paleolítica, de onde essa figura provém, ele era o arquétipo do herói, o doador de grandes benefícios – o portador do fogo e o instrutor da humanidade”. (ibid. p. 226)

Como vimos, a figura do *trickster* é caracterizada como uma entidade imatura, muitas vezes retratada com atributos animais, que é regida por seus instintos e desejos, desconsiderando normas e leis estabelecidas. Esta figura também apresenta características divinas e é capaz de introduzir elementos novos ao contexto através de suas travessuras e ações impulsivas. O *trickster*, portanto, atua como um agente do caos e da criatividade.

3.2 – A QUE O SIGNO SE REFERE (objeto dinâmico e imediato)

O objeto (2) de um signo se refere àquilo que o signo representa. Neste caso, uma figura arquetípica do *trickster* fará referência ao arquétipo do *trickster*. O objeto, como vimos anteriormente, é bipartido em objeto imediato (2.1) e objeto dinâmico

(2.2), sendo que o primeiro se refere à forma como o signo está representando o objeto e, o segundo, tudo aquilo que está em volta do objeto, seu contexto, assim como o conjunto de todas as figuras tricksterianas existentes.

No caso da figura em questão, tomemos como exemplo a figura do boto, que aparece em lendas dos povos originários do norte do Brasil. A lenda diz que o boto se transforma, em noites de festa, num belo rapaz que seduz mulheres, leva-as para o rio, as engravidam e as abandonam logo em seguida, desaparecendo no rio em sua forma animal. Nesta manifestação, podemos elencar a metamorfose de animal para humano e o jogo de sedução para saciar o próprio desejo, não se importando com as consequências na vida da moça seduzida. Para além destas duas características existem tantas outras que fazem do *trickster* um *trickster* e que constroem o seu ambiente. Todas as características possíveis dão forma ao que é o arquétipo do *trickster*, que aqui é o objeto dinâmico (2.2) do boto ou de qualquer outra, seja o *Joker*, o bobo da corte, o coiole, o diabo, Loki, Exu, Hermes etc. Neste sentido, qualquer uma destas figuras são símbolos porque a relação entre o signo e o objeto é arbitrária e mediada por uma convenção: o arquétipo do *trickster*.

3.3 OS INTERPRETANTES DO TRICKSTER

O interpretante (3) de um signo é o efeito que ele causa ou pode causar para um intérprete. Respeitando a classificação peirciana, o interpretante imediato (3.1) se refere a tudo em potencial que o signo pode causar na mente do intérprete. Toda possibilidade de interpretação que o *trickster* ou uma figura tricksteriana pode causar assim que entra em contato com um intérprete. Se falarmos a palavra *trickster* para um grupo de pessoas, o efeito que ela provoca na mente dos ouvintes (que pode ser a imagem de um bobo da corte, do saci, do coiole ou qualquer outra) é o seu interpretante imediato. O interpretante final (3.3) está relacionado ao destino onde todas as mentes deviriam chegar ao analisar o *trickster*, com todas as lendas e mitos, todas as teorias, suas atualizações etc.

4. O 8J COMO MANIFESTAÇÃO ARQUETÍPICA

4.1 O contexto no mundo

A década de 2010 foi marcada por uma série de manifestações populares que expressaram as demandas e os descontentamentos de diferentes setores da sociedade. No final de 2010, no norte da África e em vários países do Oriente Médio, eclodiu a Primavera Árabe, onde os manifestantes lutavam contra a corrupção e por uma vida mais digna⁴, reivindicando o fim de regimes autoritários e a democratização política.

Em 2011, surgiu nos Estados Unidos o *Occupy Wall Street*, onde os protestos tinham como eixo as desigualdades econômicas e a influência do sistema financeiro na política. Na Europa, chamada de o “Movimento dos Indignados”, também em 2011, denunciava os efeitos da crise econômica e as medidas de austeridade impostas pelos governos.

Na Ásia não foi diferente. Em 2014, o Movimento Umbrella ocupou as ruas de Hong Kong em 2014 exigindo maior autonomia e liberdade frente à China. Neste mesmo ano, o Black Lives Matter ganhou força nos Estados Unidos para combater o racismo e a violência policial contra a população negra. No ano seguinte, o Movimento das Mulheres se fortalece em vários países para lutar pelos direitos das mulheres e contra a violência de gênero.

Os movimentos sociais e políticos marcaram o final da década na América Latina, quando ocorreu uma série de protestos, crises e mudanças de governo em vários países da região. Alguns dos fatores que contribuíram para esse cenário foram a insatisfação popular com a corrupção, a desigualdade, a violência, a recessão econômica e a pandemia de covid-19.

A onda de manifestações no Chile eclodiu em outubro de 2019 contra o aumento das tarifas do transporte público e se transformou em um amplo movimento social por reformas políticas, sociais e econômicas. O resultado foi a convocação de

⁴ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-01-02/primavera-arabe-completa-uma-decada-com-desfecho-em-aberto.html>

um plebiscito para elaborar uma nova Constituição, que foi aprovado com mais de 78% dos votos um ano depois.



Figura 3 Manifestante usando traje inspirado no figurino da série La Casa de Papel - chile 2019. Foto Reuters⁵



Figura 4 Manifestante com bandeira Mapuche no topo de estátua militar. Foto: Susana Hidalgo⁶

⁵ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-50193228>

⁶ Disponível em: <https://inocenciamanoelblog.files.wordpress.com/2019/10/bandera-mapuche-susana-hidalgo.jpg>

A acusação de fraude nas eleições de 2019, que tem Evo Morales como candidato reeleito para o que seria o seu quarto mandato, desencadeou a crise política na Bolívia. Após uma forte pressão das Forças Armadas e da oposição, Morales renunciou e se exilou no México e depois na Argentina. Uma presidenta interina, Jeanine Áñez, assumiu o poder e convocou novas eleições, que foram vencidas pelo candidato do partido de Morales, Luis Arce, em outubro de 2020.

No Equador, também em outubro de 2019, mulheres indígenas participam de manifestações contra as medidas de austeridade do presidente Lenín Moreno, que incluía o fim de subsídios aos combustíveis. Após 12 dias de protestos, um acordo entre o governo e os líderes indígenas encerrou o conflito.



Figura 5 Manifestante indígena no Equador. Foto: David Díaz Arcos ⁷

Os movimentos sociais mostraram a capacidade de mobilização e de resistência das pessoas diante dos desafios e das injustiças do mundo contemporâneo. Foram caracterizados por uma notável diversidade de participantes, demandas e estratégias de mobilização. As plataformas de mídia social desempenharam um papel crucial na mobilização, organização e divulgação desses protestos. Essas plataformas permitiram que os manifestantes se comunicassem entre si, compartilhassem informações, denunciasses violações de direitos humanos e expressassem suas demandas e insatisfações. Além disso, as redes sociais ampliaram o alcance e o impacto das manifestações, conquistando apoio

⁷ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-50047879>

internacional. Elas também serviram como um contraponto à mídia tradicional, frequentemente acusada de manipular ou omitir fatos.

O aumento da influência dos partidos de extrema direita no mundo também conta como fator determinante para os acontecimentos no Brasil. Em 6 de janeiro de 2021, apoiadores do então presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, invadiram o Capitólio, em Washington, D.C., na tentativa de impedir a certificação da vitória do democrata Joe Biden nas eleições presidenciais de 2020. Trump, derrotado nas eleições pelo atual presidente John Biden, havia repetidamente feito alegações falsas de fraude eleitoral. Em um comício em frente à Casa Branca, ele incitou seus apoiadores que marcharem para o Capitólio em protesto contra o resultado das apurações quando acontecia a sessão do Legislativo onde certificariam a vitória de Joe Biden. Os manifestantes conseguiram romper as barreiras policiais e invadir o Capitólio portando bandeiras e camisas pró Trump além de símbolos de grupos associadas à extrema direita. Eles ocuparam o prédio por várias horas, vandalizando-o e ameaçando os membros do Congresso.

4.2 O contexto no Brasil

Assim como em outros países da América Latina, o Brasil não ficou de fora na onda de protestos que aconteceram. Nos anos 2010, testemunhamos duas ondas de protestos populares que marcaram a história política do país. Em 2013, Movimento Passe Livre (MPL) no Brasil, que iniciou as Jornadas de Junho em 2013, contestando o aumento das tarifas de transporte público e exigindo mais qualidade e transparência nos serviços públicos. Milhões de brasileiros foram mobilizados para questionar os gastos do governo com a Copa do Mundo, a qualidade dos serviços públicos e a corrupção política.



Figura 6: Manifestantes tomam a marquise do Congresso Nacional em 2013. ⁸
Foto: Marcello Casal Jr/Agência Brasil

A polarização política foi agravada pelo impeachment da presidente Dilma Rousseff em 2016 e pela eleição do presidente Jair Bolsonaro em 2018. O governo Bolsonaro foi alvo de críticas por sua gestão da pandemia, que causou mais de 670 mil mortes⁹ no país, e por suas posições contrárias aos direitos humanos, ao meio ambiente e à democracia. Os apoiadores do presidente defenderam sua agenda conservadora e acusaram a oposição e os demais poderes de tentarem derrubá-lo.

Em 2022, após um processo eleitoral acirrado¹⁰, marcado pela desinformação e discursos de ódio e um cenário político polarizado, o candidato Luís Inácio Lula da Silva, derrotou o presidente Jair Bolsonaro, tomando posse do seu terceiro mandato em janeiro do ano seguinte. Além deles, outros candidatos tentam se consolidar como terceira via, como Ciro Gomes, João Doria e Eduardo Leite. O Brasil enfrentava, à época, grandes desafios como os resquícios da pandemia de covid-19, crise econômica, desigualdade social e ameaças de golpe por parte dos setores mais radicais.

⁸ Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2018/10/resumo-do-brasil-pt-manifestacoes.html>

⁹ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/columnas/carlos-madeiro/2023/01/21/apos-2-anos-covid-deixa-topo-de-causa-de-mortes-no-brasil-em-2022.htm>

¹⁰ Disponível em: <https://resultados.tse.jus.br/oficial/app/index.html#/eleicao/resultados>



Figura 7: Manifestantes radicais contra os resultados das eleições de 2022.¹¹
Foto: Pedro Ladeira / Folha Press

Um grupo de apoiadores do presidente Jair Bolsonaro, recém-derrotado nas eleições, se reúne em frente ao Comando Militar do Leste, no Rio de Janeiro, para pedir intervenção militar. Vestidos massivamente com a camisa da Seleção Brasileira, eles gritam “eu autorizo” e carregam faixas com frases como “o povo pede socorro ao Exército”.¹² Os protestos foram organizados em grupos de aplicativos mensageiros como o Telegram e Whatsapp, meio pelo qual muitas notícias falsas eram disseminadas.

¹¹ Disponível em:

https://f.i.uol.com.br/fotografia/2022/11/15/16685386846373e13c78484_1668538684_3x2_lg.jpg

¹² Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/11/5048911-aos-gritos-de-eu-autorizo-bolsonaristas-lotam-sede-das-forcas-armadas-no-rio.html>



Figura 8: Manifestantes cantando o Hino Nacional para pneu.
Twitter¹³

A desinformação desempenhou um papel crucial em todo o processo que culminou nos atos antidemocráticos do 8J. Muitos participantes acreditavam que poderiam reverter o resultado das eleições. Essa crença foi alimentada por mensagens falsas que circularam nas redes sociais por mais de um ano, espalhando a ideia errônea de que as urnas eletrônicas não eram seguras e que a Constituição autorizaria uma intervenção militar para restabelecer a ordem. A situação foi agravada quando o então presidente Bolsonaro não reconheceu a derrota no segundo turno, alimentando outra notícia falsa de que ele precisava ficar calado por 72 horas para pedir uma intervenção militar sem ser acusado de tentativa de golpe.

¹³ Disponível em: https://x.com/kalliloliveira_/status/1588158223231721472?s=20



*Figura 9: Eleitores choram pela derrota de Bolsonaro.
Foto: Alexandre Cassiano / Agência O Globo*

Após uma série de tentativas, os manifestantes viram cada vez mais a possibilidade de realização de seus ideais se esvaindo, enquanto buscavam reestabelecer o mandato de Jair Bolsonaro, apelando para uma intervenção militar e até alienígena¹⁴.



*Figura 10: Manifestantes pedem "S.O.S" a extraterrestres.
Reprodução redes sociais.¹⁵*

4.3 O 8J

No dia 8 de janeiro de 2023, uma multidão de apoiadores extremistas pró-Bolsonaro marcharam pelas ruas de Brasília até a Praça dos Três Poderes com o

¹⁴ Disponível em:

https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/11/21/interna_politica,1423657/bolsonaristas-pedem-ajuda-a-extraterrestres-veja-o-video.shtml

¹⁵ Disponível em:

https://midias.correiobraziliense.com.br/_midias/jpg/2022/11/21/675x450/1_5c34918c_104c_40c2_b0c7_bb394abc1776-26890540.jfif?20221121145752?20221121145752

objetivo de instigar um golpe contra o governo Lula, recém-empossado, e restabelecer Jair Bolsonaro como presidente. Por volta das 15h, os manifestantes começaram a quebrar barreiras de segurança e invadir o Congresso Nacional. Em seguida, o Supremo Tribunal Federal (STF) e o Palácio do Planalto. Salas foram depredadas, móveis e obras de arte de grandes valores e, também, de valor simbólico – a exemplo da réplica da Constituição de 1988.

O atentado contra a democracia brasileira levou o governo federal a reagir com a declaração de intervenção federal no Distrito Federal. O Ministério Público Federal abriu investigação para apurar os crimes cometidos pelos manifestantes e mais de duzentas pessoas foram indiciadas por crimes como vandalismo e depredação.

Vários pontos se conectam em uma rede de acontecimentos diversa e complexa para criar o cenário em volta do 8J. Um dos principais pontos divulgados nas mídias¹⁶ foi a polarização política acentuada nos últimos anos que se configurou com a disputa entre Jair Messias Bolsonaro e seus apoiadores, de um lado, e Luiz Inácio Lula da Silva e seus apoiadores, de outro, tornando-se cada vez mais acirrada, e levando a um clima de intolerância e violência.

Outros dois elementos marcantes do 8J que podemos relacionar com o cenário *tricksteriano* são os fenômenos notícias falsas e cortina de fumaça. Foram veiculadas informações deliberadamente falsas ou distorcidas, que se espalharam pelas redes sociais, principalmente o Twitter e os grupos de Whatsapp e Telegram – onde a desinformação era passada em tempo real para uma quantidade maciça de pessoas – ou por outros meios de comunicação, com o objetivo de enganar, confundir ou influenciar as pessoas. A cortina de fumaça ajudou a criar um cenário de caos, causando medo e incerteza, para ocultar ou minimizar fatos que pudessem prejudicar a imagem ou os interesses de quem dela se utilizava.

Jair Bolsonaro já vinha realizando ataques sistemáticos às instituições democráticas durante os quatro anos de seu mandato. Após o resultado do pleito, passou a promover alegações sem fundamento de fraude eleitoral. Apesar das

¹⁶ Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cye7egj6y1no#:~:text=7%20fatores%20que%20explicam%20os%20ataques%20de%208,jol%C3%ADcias%20...%207%207.%20Apag%C3%A3o%20na%20seguran%C3%A7a%20>

repetidas ameaças de Bolsonaro e de seus apoiadores, as autoridades públicas não tomaram medidas efetivas para conter o discurso de ódio e a violência política.



Figura 11: Atos do 8J
Foto: Sérgio Lima / AFP¹⁷

Em todas as manifestações citadas nesta monografia é possível identificar situações *tricksterianas*. É importante destacar que todas as imagens escolhidas para ilustração foram divulgadas nas mídias e redes sociais como expressão imagética, sendo algumas delas consideradas como símbolo, de seus respectivos atos.

Podemos perceber uma leve diferença entre 2013 e 2023 ao observarmos nas imagens veiculadas pela mídia durante o 8J que a maioria dos manifestantes vestia camisas da seleção brasileira e bandeiras, ou indumentárias nas cores verde e/ou amarela, assim como é de costume se vestir para os jogos da Seleção Brasileira, seja para jogos da Copa do Mundo ou de outros campeonatos. A camisa da seleção brasileira constitui um símbolo nacional que evoca a paixão pelo futebol, esporte que

¹⁷ Disponível em: [https://s2-oglobo.glbimg.com/DPeUl3YcjINsAOcEJdJ0QxeFDIk=/0x0:6318x4211/888x0/smart/filters:strip_icc\(\)/i.s3.glbimg.com/v1/AUTH_da025474c0c44edd99332dddb09cabe8/internal_photos/bs/2023/4/T/peBV8GRxqYg3FAYLjaOA/101703222-supporters-of-brazilian-former-president-jair-bolsonaro-invade-the-national-congress-in-br.jpg](https://s2-oglobo.glbimg.com/DPeUl3YcjINsAOcEJdJ0QxeFDIk=/0x0:6318x4211/888x0/smart/filters:strip_icc()/i.s3.glbimg.com/v1/AUTH_da025474c0c44edd99332dddb09cabe8/internal_photos/bs/2023/4/T/peBV8GRxqYg3FAYLjaOA/101703222-supporters-of-brazilian-former-president-jair-bolsonaro-invade-the-national-congress-in-br.jpg)

integra a identidade cultural do país. Contudo, nos últimos anos, ela tem sido apropriada por alguns grupos que sustentam ideologias controversas e que frequentemente contrariam os valores democráticos e republicanos. A camisa simbolicamente parece sugerir algum grau de patriotismo, mas transfere para o campo político as emoções de uma torcida de futebol, um esporte que mobiliza paixões, alegrias, tristezas e frustrações, envolvendo aspectos psicológicos, sociais e culturais. No campo do esporte, há apenas duas possibilidades: ganhar ou perder. No campo político deveria haver o diálogo entre pensamentos antagônicos. Após uma série de derrotas consecutivas, os manifestantes, assemelhando-se a uma torcida altamente organizada, marcharam em direção aos seus supostos adversários: o Supremo Tribunal Federal, O Congresso Nacional e o Palácio do Planalto. A competição havia cessado, restando apenas a possibilidade da tomada de poder à força.

As ocupações por manifestantes da marquise do prédio do Congresso Nacional que ocorreram em 2013 e 2023 são bastante significativas quando levamos em consideração que o local do parlamento brasileiro também é conhecido como “Casa do Povo”, expressando a realidade de distanciamento e desconfiança entre os eleitores e seus representantes. Nesse sentido, as ocupações representam um meio de reivindicar o espaço público, desafiando simultaneamente as instituições democráticas e os limites da ordem jurídica. Contudo, em contraste com a primeira tentativa, que não conseguiu invadir o interior do edifício, a última resultou em um rastro de destruição nos 3 palácios. Podemos dizer que a presença do *trickster* no 8J não só é indicada como também se diferencia de 2013 pelo cenário caótico instaurado após a invasão dos prédios dos Três Poderes.

4.3.1 O *trickster* como símbolo dos atos antidemocráticos

Ao debruçarmos sobre o ato de 2023, observamos a presença de dois tipos de atores nos quais estão relacionados ao arquétipo do *trickster* e que também estão associados ao ciclo do *trickster*, descrito por Jung em um dos volumes das Obras Completas (2014). Estes tipos são o (1) manifestante comum executores do ato e (2) os financiadores e planejadores do ato. Neste trabalho, iremos aprofundar apenas no primeiro tipo. O ciclo, segundo o autor, está relacionado à percepção do mundo do

trickster, que parte de uma perspectiva inicial de uma psique ainda em estágio elementar e que

uma consciência primitiva ou bárbara tem uma autoimagem em um nível anterior de desenvolvimento; continua essa atividade psíquica através dos séculos ou milênios, permitindo que as propriedades essenciais dessa atividade se misturem com os produtos mentais diferenciados e até extremamente elevados (JUNG, 2014, p. 262)

Neste estágio elementar da psique não é possível ter consciência dos atos, por estar imersa em uma obscuridade mental. No entanto, atingindo um estágio mais elaborado de consciência posteriormente, seria possível fazer uma reflexão sobre o estágio anterior. O que acontece é uma desvalorização da inconsciência anterior, uma

superação nítida do estado originário. Os sinais da mais profunda inconsciência vão desaparecendo: em lugar de manifestar-se de modo brutal, cruel, bobo e insensato, começa a fazer coisas úteis e sensatas ao findar do ciclo. (...)o que ocorre é a libertação da consciência do fascínio do mal, não sendo mais obrigada a vivê-lo compulsivamente. O obscuro e o mal não se desfizeram em fumaça, mas recolheram-se no inconsciente devido a uma perda de energia, onde permanecem inconscientes enquanto tudo vai bem na consciência. Quando, porém, a consciência é abalada por situações dúbias ou críticas, percebe-se que a sombra de forma alguma se dissolveu no nada, mas apenas espera por uma oportunidade favorável para reaparecer, pelo menos como uma projeção no outro. Se essa façanha for bem-sucedida, cria-se novamente entre ambos aquele mundo obscuro, no qual tudo o que é característico da figura do “trickster” pode acontecer, mesmo nos mais altos graus de civilização. Podemos chamar este acontecimento de “teatro simiesco”, em cujo palco nada dá certo e tudo é idiotice, não oferecendo a possibilidade de ocorrer algo inteligente ou, excepcionalmente, só no último momento. A política nos oferece os melhores exemplos. (JUNG, 2014, p. 268)

Como colocado acima, não iremos aprofundar neste trabalho no segundo tipo, que iremos chamar aqui de T2 e se refere aos financiadores e mentores do ato de janeiro e se aplica aos manifestantes que tiveram uma importância direta no planejamento e execução das estratégias para atingir e cooptar os T1. Em maio de 2023 a Polícia Federal deflagrou uma fase da Operação Lesa Pátria com o intuito de investigar pessoas que financiaram os atos antidemocráticos de 8 de janeiro. Foram cumpridos 22 mandados de busca e apreensão em São Paulo, Paraná e Mato Grosso do Sul, contra fazendeiros suspeitos de auxiliarem financeiramente as caravanas que

participaram dos atos. A Justiça determinou o bloqueio de até R\$ 40 milhões dos investigados para ressarcir os danos ao patrimônio público¹⁸.



Figura 12: Luciano Hang suspeito de financiar o 8J. Reprodução redes sociais¹⁹

Luciano Hang, dono da loja de departamento Havan, apoiador declarado de Jair Bolsonaro ao longo do mandato, tendo financiado parte de sua campanha para reeleição é tido como suspeito de também ter financiado o 8J. Hang criticou os atos, que considerou como vandalismo e antidemocrático. É importante deixar claro que as investigações continuam e não foi divulgado se o empresário estava envolvido ou não no financiamento do 8J, no entanto, nos serve de exemplo deste tipo pelo seu papel ao longo do mandato bolsonarista. Em nota, Hang disse que apoiou o bolsonarismo por acreditar que o candidato se encaixava naquilo que ele acreditava e queria para o Brasil: “um país com menos burocracia, mais liberalismo econômico e mais oportunidade de empregos para todos os brasileiros”²⁰. Sem se importar com os rituais da democracia, este tipo coloca seus interesses pessoais acima dos interesses públicos, sem se importar com as consequências de suas ações, visando apenas os benefícios que podem obter.

Nesta categoria encontramos *tricksters* com uma percepção mais refinada e que, por entender como o universo dos T1 funciona, conseguem manipulá-los facilmente. São mestres do engano por excelência, detendo em suas mãos o poder de comunicar o que bem entendem para o T1. Na maioria das vezes, são tidos como

¹⁸ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/justica-bloqueia-bens-de-r-40-milhoes-de-financiadores-do-8-de-janeiro-pf-lanca-nova-fase-de-operacao/>

¹⁹ Disponível em: https://conteudo.imguol.com.br/c/parceiros/d8/2021/01/19/luciano-hang-dono-da-rede-de-lojas-havan-1611079176118_v2_900x506.jpg

²⁰ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/suspeito-de-financiar-atos-golpistas-luciano-hang-faz-critica-velada-ao-terrorismo-em-brasilia/>

referência em seus ambientes e usam o prestígio da posição de liderança para conduzir a massa de T1 que conseguem subjugar.



*Figura 13: Carlos Bolsonaro.
Foto: Sergio Lima/AFP²¹*

Recentemente foi noticiado nas mídias que Mauro Cid, ex-ajudante de ordens do ex-presidente Jair Bolsonaro, revelou em sua delação premiada o funcionamento do chamado “gabinete do ódio”, uma estrutura de assessores e apoiadores do ex-mandatário que utilizavam as redes sociais para difundir informações falsas e caluniosas contra seus opositores políticos. De acordo com a delação, confirma-se a participação do vereador Carlos Bolsonaro como líder do gabinete e contava com a anuência de seu pai, que também compartilhava conteúdos falsos por meio de seu telefone pessoal.

4.3.1.1 Dona Fátima de Tubarão: a patriota revolucionária brasileira

Voltemos a atenção agora para o primeiro tipo, que aqui classificaremos como T1 para facilitar a leitura. Este é mais evidente e similar ao bobo, que vive mergulhado em suas paixões de forma despreocupada. Não têm muito o que perder, por isso aposta tudo naquilo que deseja. Como a percepção do mundo é estreita, não

²¹ Disponível em:

https://midias.correiobraziliense.com.br/_midias/jpg/2021/04/21/675x450/1_carlos_bolsonaro-6618659.jpg?20231111185210?20231111185210

consegue visualizar as consequências dos seus atos: tudo o que importa é a satisfação dos seus desejos e instintos, mesmo que isso venha custar um preço muito alto. A maior parte dos manifestantes irá se enquadrar nesta tipologia. Facilmente seduzíveis, este tipo cai nas armadilhas, truques e pegadinhas do T2.

A manifestante Maria de Fátima Mendonça Jacinto Souza, de 67 anos de idade e que ganhou fama nos noticiários por aparecer em um vídeo, divulgado em redes sociais²², ao ser apresentada “quebrando tudo” por alguém que não aparece nas imagens. Ela confirma sua participação dizendo “quebrando tudo e cagando nesta bosta”. O rapaz em voz off continua “Cagou lá no banheiro. Fez uma sujeira lá. É isso aí, D. Fátima! Deus abençoe a senhora”. Ela finaliza: “Vamos *pra* guerra! É guerra! Eu vou pegar o Xandão agora” – referindo-se ao ministro do Supremo Tribunal Federal, Alexandre de Moraes.



Figura 14: Dona Fátima de Tubarão
Frames do vídeo

Para entrarmos no universo da semiótica, iremos analisar os frames acima, recorrendo a alguns elementos do vídeo, quando necessário. No universo da primeiridade, temos os qualissignos que se apresentam acima em imagens feitas,

²² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QTZdcmBSEUs>

provavelmente, por um smartphone. Nele podemos ver uma senhora, sempre em primeiro plano, numa sala, vestida com uma camisa verde onde se destaca a estampa da bandeira brasileira. Por cima, carrega uma bandeira transversal amarrada em seu ombro. É possível observar ao fundo outros manifestantes passando e algum vestígio de destruição. Nas imagens em movimento observamos uma voz off, masculina e vibrante dialogando com a personagem, que tem sua voz ofegante. Assim, mesmo aparentando sinais de cansaço, D. Fátima ainda pretende ir em busca de “Xandão”, sugerindo que a personagem é incansável em seu ato de bravura. Desta observação, chegamos à forma de representação básica do *trickster* (rema) no contexto do 8J: o patriota brasileiro revolucionário.



Figura 15 Dona Fátima de Tubarão.
Reprodução redes sociais ²³

No universo da secundidade, temos o vídeo como registro (2.1) do *trickster* patriota brasileiro encarnado em D. Fátima, uma existente do *trickster*. Seguindo o modelo das representações mais arcaicas, como o Coiote dos winnebago, que busca satisfazer seus desejos mais elementares, porém não consegue moderar seus impulsos e termina sua história em uma situação desfavorável. Ela também possui traços do malandro, visto que, segundo os relatos dos vizinhos sugere, ela entrou na manifestação por conveniência. Embora nas imagens a bandeira brasileira, símbolo

²³ Disponível em: <https://x.com/UOLNoticias/status/1619348241480560640?s=20>

do patriotismo, apareça duas vezes (estampada na camisa e a própria bandeira amarrada no ombro), sugerindo um super patriotismo, conta-se que D. Fátima não era patriota desde sempre. Após o segundo turno das eleições, ela iniciou sua participação em um acampamento localizado no quartel do Exército em Tubarão, próximo à sua residência. De acordo com relatos de vizinhos, ela estava enfrentando adversidades financeiras e frequentava o local para se alimentar. Posteriormente, adotou uma postura mais radical e decidiu viajar para Brasília para participar dos protestos²⁴. Fátima foi detida em 27 de janeiro e permanece sob custódia até então. Em sua fala se apresentam os índices (2.2) que a caracterizam como *trickster*. Primeiramente, a expressão “quebrando tudo e cagando nesta bosta” denota uma atitude de desprezo pelas instituições. Nada nem o que o lugar representa tem mais valor e deve ser destruído. Conforme já analisamos, o *trickster* carrega em si o potencial de gerar uma nova realidade a partir do caos, podendo ser, simultaneamente, herói e anti-herói. D. Fátima se considera uma heroína. O tom do interlocutor do vídeo ao estimulá-la e abençoá-la com um “que Deus abençoe” também reforça essa interpretação.

Outro índice (2.2) - que não se refere diretamente ao *trickster*, mas é relevante observarmos - é o “vamos pra guerra, é guerra!”. A guerra implica uma oposição, um conflito de ideias, valores, onde o opositor é um inimigo. Embora um cenário de guerra invoque o caos, este tipo de oposição é mais uma temática da sombra que age como se o problema estivesse nos outros sem perceber que, na verdade, trata-se de uma projeção de si. Em seguida, D. Fátima revela um de seus inimigos ao dizer “eu vou pegar o Xandão agora”. Alexandre de Moraes, representando uma parte do mal que deve ser combatido na fala de D. Fátima, teve papel relevante nas Eleições de 2022 e no combate às notícias falsas, sendo criticado por supostamente censurar e intimidar os bolsonaristas, sem transparência ou solicitação do Ministério Público ou da Polícia Federal²⁵. Ainda no campo da secundidade, os dicissignos (2.3) nos indicam existências específicas para seu interpretante (ver tabela 1). O vídeo é o registro, a prova da participação de D. Fátima “quebrando tudo” e “sujando o banheiro” no 8J. Seus atos podem ser vistos como uma forma de protesto ou de vandalismo,

²⁴ Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2023/02/vizinhos-dizem-que-fatima-de-tubarao-virou-patriota-do-dia-para-a-noite.html>

²⁵ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/11/moraes-mantem-ofensiva-contra-bolsonaristas-mesmo-apos-eleicao.shtml>

dependendo do ponto de vista e da posição política de quem observa. No vídeo, a voz off atribui a ela um papel de heroína abençoada por Deus, que age em nome de uma causa maior.

Por fim, na dimensão da terceiridade, temos o *trickster* (3.1), que é legissigno, representado pela réplica aqui denominada *patriota brasileiro*. Em particular, usamos o caso da sexagenária D. Fátima, um *trickster* do tipo T1. Vestida a caráter, ratificando seu patriotismo usando duas bandeiras e com uma atitude revolucionária que funciona como símbolo (3.2) daquilo que o Brasil precisa para resolver todos os problemas. Mesmo que seja quebrando tudo. Essa ambiguidade característica dos *tricksters*, surge também na versão relatada pelos vizinhos que revelam sua transformação em patriota, da noite para o dia, por conveniência.

Diferente de outras manifestações como a de 2013, o 8J tem características que as definem de maneira única. Estas características são o objeto imediato. Uma multidão verde-amarela destemida e sem limites, o descaso com as leis, destruição de bens simbólicos, infração às normas e depredação do patrimônio público e, principalmente, o desejo de destituir do poder um presidente que foi eleito democraticamente.

No contexto do 8J, o *trickster* pode ser visto como um símbolo da insatisfação popular com o governo e as instituições, bem como um ato arquetípico de expressão da psique coletiva. Ao longo dos anos, observamos como os chamados “cidadãos de bem” se tornaram cada vez mais intolerantes, autoritários e violentos, contrariando o que se espera de alguém “de bem”. Jung chama essa transformação de “processo de inversão” ou “enantiodromia”²⁶. Essa contradição revela a complexidade e a dinâmica do inconsciente coletivo, que pode se manifestar através do *trickster*. Muitos de nós nos questionávamos como indivíduos com ampla vivência permitiram-se ser influenciados a ponto de participar de tal manifestação. O fato é que, para Jung, nós podemos ter todo refinamento por fora, mas somos internamente primitivos. Isso acontece porque a própria estrutura da psique se expressa de maneira contraditória e que depende da tensão entre opostos. E é por isso que “não há proposições psicológicas gerais que não possam ser invertidas”. (JUNG, 2014, p. 271)

²⁶ Ver nota 2.

Observar situações pelo prisma dos arquétipos implica em observar nuances da psique. Não podemos negar que a manifestação do *trickster* no momento tão crucial da política brasileira se refira apenas à extrema direita ou aos bolsonaristas. O *trickster* está presente em todos os brasileiros, na malandragem, no jeitinho para tudo, nos memes. Este arquétipo expõe nossas feridas e pode pregar peças em qualquer que seja o espectro político – seja esquerda ou direita. Para podermos estabelecer uma nova realidade precisaremos olhar para este fenômeno com afinco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos avanços discutidos ao longo deste estudo, concluímos que as indagações sobre como o *trickster* pode se manifestar e se atualizar em contextos contemporâneos foram adequadamente respondidas.

Após elencarmos os conceitos de Jung e Peirce, vimos a aproximação feita dos dois autores por Maddalena (2017) e analisamos a manifestação do arquétipo a partir do *trickster* patriota, personificado em D. Fátima de Tubarão. A aplicação dos conceitos da semiótica de Peirce colaborou com a organização dos elementos para a análise. Observamos que o arquétipo (legissigno) pode ser melhor analisado a partir de seus existentes, neste caso, a D. Fátima, que passa a ser uma representação do que definimos como *trickster patriota brasileiro*, comuns em manifestações políticas – mas que só representa uma parte do legissigno manifestantes. Através das qualidades expressas em formas, cores, tons os ícones forneceram uma imagem geral (rema) do que é o *patriota brasileiro revolucionário*.

A partir do vídeo e dos frames analisados aqui materializamos (sinsignos) a partir das falas de D. Fátima (índices), o *trickster* do tipo T1 que é uma atualização do malandro que ainda não desenvolveu uma esperteza eficaz e acaba se dando mal no final da história. Acreditando estar fazendo a coisa certa – mesmo sendo coisas que são consideradas como criminosas – não se preocupa em registrar seus atos, criando provas contra si.

Por fim, a atitude do *trickster patriota brasileiro* simboliza a aspiração de uma mudança, seja ela social ou política, a qualquer custo, sem ter consciência plena do que isso representa e entendendo a si mesmos, paradoxalmente, como agentes do caos e da ordem.

Os arquétipos representam padrões de comportamento e significado que expressam aspectos universais da psique humana. A melhor forma para compreender seus efeitos e manifestações é examinando situações concretas do cotidiano. O *trickster*, também conhecido como trapaceiro, enganador ou brincalhão, é um dos arquétipos mais intrigantes e ambivalentes. Ele é aquele que desafia as normas estabelecidas, subverte a ordem, cria confusão e caos, mas também abre espaço para

renovação e transformação. Dependendo do contexto e da perspectiva, o *trickster* pode ser visto como uma força criativa ou destrutiva.

No atual cenário político brasileiro, a presença do *trickster* pode ser identificada em diversos momentos e atores. Não se trata de atribuir o *trickster* a um partido ou líder específico, mas de reconhecer sua atuação em todos os níveis e direções. O *trickster* pode ser o político que recorre a mentiras e manipulações para alcançar o poder, mas também pode ser o cidadão que se rebela contra injustiças e opressões. O *trickster* pode estar no movimento social que questiona os valores dominantes e propõe novas formas de organização, mas também pode estar na mídia que distorce os fatos e influencia a opinião pública. O *trickster* pode estar no artista que provoca e inova com sua obra, mas também pode estar no fanático que agride e ameaça quem pensa diferente.

É importante perceber que o *trickster* não é um fenômeno isolado ou excepcional, mas uma expressão constante e inevitável da psique coletiva. Revela, quase nunca da melhor forma, as sombras, as contradições, as fragilidades e as potencialidades de um povo, desafiando a enfrentar nossos conflitos internos e externos, a questionar nossas certezas e preconceitos, a buscar novas soluções e possibilidades. Convida-nos a rir de nós mesmos e a não levar tudo tão a sério. Ele nos lembra que a vida é uma aventura imprevisível e surpreendente.

REFERÊNCIAS

BOECHAT, W. **A Mitopose da Psique: mito e individuação**. 2ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. 52-71 p.

CAMPBELL, J. **As Máscaras de Deus**. 8ª. ed. São Paulo: Palas Athena, v. I - Mitologia Primitiva, 2010.

FREITAS, L. V. Imagem, imaginação e símbolo: a Psicologia Analítica em diálogo com a Psicologia Social. In: VICHETTI, S. M. P. (.). **Psicologia Social e imaginário: leituras introdutórias**. São Paulo: Zagodoni Editora, 2012. Cap. 7, p. 103-115.

G1. Invasão do Congresso, Planalto e STF: veja comparação com o ataque ao Capitólio nos EUA. **G1**, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/01/08/invasao-do-congresso-planalto-e-stf-veja-comparacao-com-a-invasao-do-capitolio-nos-eua.ghtml>. Acesso em: 14 ago. 2023.

JUNG, C. G. **Fundamentos da Psicologia Analítica**. 7ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

JUNG, C. G. **Natureza da psique**. 5ª. ed. Petrópolis: Vozes, v. VIII/2, 2000.

JUNG, C. G. **Aspectos do drama contemporâneo**. 5ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 11ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

JUNG, C.G. Comentário Psicológico. In: EVANS-WENTZ, W. Y. (Org) **O livro tibetano dos mortos**. São Paulo: Pensamento Cultrix, 2020. p. 45 - 61.

MADDALENA, G. Jung and Peirce: towards a psychosynthesis. **European Journal of Pragmatism and American Philosophy**, 2017.

NÖTH, W.; SANTAELLA, L. **Introdução à semiótica: passo a passo para compreender os signos e a significação**. São Paulo: Paulus, 2017.

QUEIROZ, R. S. O herói trapaceiro: reflexões sobre a figura do trickster. **Tempo Social**, São Paulo, v. 3, p. 93-107, 1991.

REDAÇÃO BBC. Invasões em Brasília: 3 semelhanças (e 3 diferenças) com a invasão do Capitólio nos EUA há 2 anos. **BBC News Brasil**, 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-64220636>. Acesso em: 14 ago. 2023.

RISCO. In: MICHAELIS, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. [S.l.]: Melhoramentos, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/signo/>. Acesso em: 18 Maio 2023.

SAMUELS, A. **Dicionário crítico de análise junguiana**. Edição Eletrônica © 2003 Andrew Samuels/Rubedo. ed. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2003.

SANCHES, Mariana. 'Sem invasão no capitólio, não haveria o 8 de janeiro', diz cientista político americano. **BBC News Brasil**, 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-64421108>. Acesso em: 14 ago. 2023.

SANTAELLA, L. (. **Excertos**. São Paulo: Paulus, 2020.

SANTAELLA, L. **Matrizes da linguagem e pensamento**. São Paulo: Iluminuras, 2005.

SANTAELLA, L. **Semiótica aplicada**. 2^a. ed. São Paulo: Cengage, 2018.

STEIN, M. **JUNG o mapa da alma: uma introdução**. 11^a. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.